ADD ANYTHING HERE OR JUST REMOVE IT...

DESTAQUE

Quem é George Soros? Parte 4 – A influência de Soros na política mundial

POSTED ON 25/10/2019 BY GILBERTO VIEIRA DE SOUSA

George Soros está empenhado em influenciar a política mundial, principalmente nos EUA, onde mantém residencia, escritório e onde estão a maioria de seus investimentos financeiros

George Soros e sua Open Society vem atuando fortemente na politica mundial, sobretudo na política norte americana, que é a política mais forte do ocidente e a que tem maior poder financeiro e bélico. Como os EUA não tem censura, todas as ideias circulam livremente e é esta liberdade que permite que pessoas como George Soros espalhem ideais progressistas como se fossem ideais nobres e edificantes, quando sabemos que são os ideais mais destrutivos do planeta.

A seguir você confere alguns detalhes da atuação de George Soros na política e alguns de seus ideais.

*CONTRIBUIÇÕES DA CAMPANHA POLÍTICA DE SOROS**

Além dos mais de US $ 5 bilhões que a rede de fundação de Soros doou para grupos de esquerda como os citados na parte 3 desta série, Soros pessoalmente fez contribuições de campanha para candidatos políticos notáveis??? como Joe Biden , Barbara Boxer , Sherrod Brown , Bill

Clinton , Hillary Clinton , Jon Corzine , Howard Dean , Richard Durbin , Lane Evans , Al Franken , Al Gore , Tom Harkin , Maurice Hinchey , John Kerry ,Dennis Kucinich , Patrick Leahy , Barack Obama , Charles Rangel , Harry Reid , Ken Salazar , Charles Schumer , Joe Sestak e Tom Udall . Ele também deu grandes somas de dinheiro ao Comitê de Campanha do Congresso Democrático, à Corporação de Serviços do Comitê Nacional Democrata e ao Comitê de Campanha Democrática do Senado.

SOROS ENCONTRA OS CLINTONS

Na época em que George Soros lançou suas fundações Open Society, com sede em Manhattan, ele estabeleceu o que seria um relacionamento caloroso e duradouro com Bill e Hillary Clinton , a nova presidenta americana e primeira-dama. Quando os Clintons assumiram o cargo, no início de 1993, eles enfrentaram a difícil tarefa de ajudar o império soviético em colapso a sair de suas ruínas e cultivar um relacionamento harmonioso com os Estados Unidos. Para liderar esse empreendimento, o presidente Clinton nomeou três homens: Lawrence Summers, funcionário do Departamento do Tesouro, vice-presidente Al Gore e Strobe Talbott, que em breve será funcionário do Departamento de Estado. Talbott, em particular, foi dado um grande grau de autoridade, o que levou alguns observadores a apelidá-lo como “Clinton czar” na política russa. Aconteceu que Talbot tinha uma consideração excepcionalmente alta pela experiência financeira de George Soros, descrevendo-o como “um recurso nacional, de fato, um tesouro nacional” e, assim, ele recrutou o bilionário para servir como consultor-chave em assuntos russo-americanos .

Em uma conferência de junho de 2004, "Take Back America", em Washington, Clinton apresentou George Soros como um homem corajoso que amava profundamente seu país

Soros, por sua vez, tinha conexões com um jovem economista a quem ele estava financiando, Jeffrey Sachs, diretor do Instituto Harvard de Desenvolvimento Internacional. A Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional designou o Instituto Sachs para supervisionar a transformação da Rússia em uma economia de mercado após mais de sete décadas de comunismo. Como conseqüência dessa tarefa, Sachs e sua equipe representaram essencialmente os Estados Unidos como assessores econômicos oficiais do presidente russo Boris Yeltsin. Soros trabalhou em estreita colaboração com Sachs nesse projeto, e a dupla exerceu enorme influência sobre Yeltsin. Tão grande foi a influência deles, de fato, que em uma ocasião Soros brincou que "o antigo Império Soviético agora é chamado Império Soros". Mas em pouco tempo, membros da equipe de Sachs se envolveram em uma corrupção maciça, explorando para obter ganhos pessoais seu acesso aos líderes políticos e econômicos da Rússia. Suas ações contribuíram para o colapso da economia russa e para o desvio de cerca de US $ 100 bilhões para fora do país. Embora o próprio Sachs não foi acusado de lucrar pessoalmente com essas atividades, ele renunciou ao cargo de diretor do Instituto Harvard, em maio de 1999, sob uma nuvem escura de escândalo. O Comitê de Bancos da Casa dos EUA investigou o assunto e chamou Soros a testemunhar. O bilionário negou a culpa, mas admitiu que havia usado acesso privilegiado em um acordo ilegal para adquirir uma grande parte da Sidanko Oil. Soros reconheceu ainda no testemunho do Congresso de que alguns dos ativos russos desaparecidos haviam entrado em seu portfólio de investimentos pessoais. O presidente do Comitê Bancário da Casa, Jim Leach, caracterizou todo o assunto sórdido como "um dos maiores assaltos sociais da história da **humanidade**".

À medida que os anos 90 avançavam, tornou-se cada vez mais evidente que Bill e Hillary Clinton abraçavam praticamente todos os valores e agendas que George Soros estava financiando por meio de suas Open Society Foundations. "Agora tenho um ótimo acesso ao governo [de Clinton]", disse Soros em 1995. "Não há dúvida sobre isso. Na verdade, trabalhamos juntos como uma equipe."

World Trade Center – Mais de 1.700 famílias nunca recuperaram os corpos de seus entes queridos (Foto: Flickr / Jason Scott)

Soros e Sra. Clinton, em particular, se abraçaram com a mais alta estima. Em novembro de 1997, quando Hillary esteve na Ásia Central para uma cerimônia de corte de fita na recém-construída Universidade Americana do Quirguistão, ela proferiu um discurso no qual elogiou as Open Society Foundations de Soros, que financiaram a construção da escola. De acordo com a diretora do Centro para a Democracia Americana Rachel Ehrenfeld, uma fonte próxima ao círculo interno da sra. Clinton relata que Soros visitou Hillary na Casa Branca durante o processo de impeachment de Bill Clinton de 1998-99, quando a primeira-dama estava recebendo apenas seus membros mais confiáveis. confidentes. Alguns anos depois, em uma conferência de junho de 2004, "Take Back America", em Washington, Clinton apresentou Soros como um homem corajoso que amava profundamente seu país. "Precisamos de pessoas como George Soros", disse ela, "que é destemida e está disposta a avançar quando conta." Soros, por sua vez, indicou que estava "muito, muito orgulhoso de ser apresentado" por alguém para quem teve tal "grande, grande admiração." ele descreveu Hillary como alguém que tinha sido "mais eficaz do que a maioria dos nossos estadistas em propagar a democracia, a liberdade e a sociedade aberta." **

Imagem das torres gemes do World Trade Center logo após ataque terrorista em 11 de setembro de 2001

11 de setembro e a imersão mais profunda de Soros na política americana **

O 11 de setembro de 2001 foi um momento decisivo não apenas na história americana, mas também na carreira filantrópica de George Soros. Soros viu os ataques terroristas de 11 de setembro como uma confirmação de que a política externa dos EUA, particularmente sob o presidente George W. Bush, que assumira o cargo oito meses antes, estava se movendo em uma direção perigosa, dando origem ao ódio antiamericano no coração das pessoas em todo o mundo. Segundo o julgamento de Soros, Bush encarnava a própria antítese do ideal de "sociedade aberta". Especificamente, o bilionário detestava o que ele via como a arrogância que o Presidente exibia quando publicamente classificava os inimigos dos EUA como "maus"; quando ele expressou sua fé no excepcionalismo de sua própria cultura; e quando ele parecia relutante em considerar a possibilidade de os terroristas terem algo valioso para ensinar aos americanos sobre como o resto do mundo percebia os Estados Unidos. Além disso, Soros

considerava o terrorismo uma consequência da desigualdade econômica e da exploração dos países pobres por seus pares mais ricos.

Raciocinando a partir dessas premissas, Soros, admitindo que a invasão de retaliação dos EUA no Afeganistão era justificável, sustentou que a resposta adequada a longo prazo ao 11 de setembro seria a América lançando uma guerra global contra a pobreza. Tal empreendimento seria modelado nos programas da Great Society que o governo Johnson instituíra na década de 1960, com a teoria de que, ao despejar rios de dólares dos contribuintes nos guetos devastados pela violência do país, a presumivelmente justificada fúria dos manifestantes poderia ser suprimida. Na mesma linha, Soros agora sustentava que a melhor maneira de combater o terrorismo internacional seria os EUA ricos enviarem enormes quantidades de ajuda a regiões empobrecidas do mundo, onde o fenômeno costumava se originar. Na verdade, ele tinha mantido por muito tempo que as "causas profundas" do terrorismo eram "pobreza" e "ignorância". Apenas oito dias após o 11 de setembro, Soros fez um discurso onde disse que a "pedra angular" de seu "plano" era "abordar as condições sociais que fornecem um terreno fértil a partir do qual voluntários [terroristas] que estão dispostos a sacrificar suas vidas pode ser recrutado. "Esse plano pedia aos" países ricos "que aumentassem seus níveis de" assistência internacional ", que, embora improvável que" impeçam pessoas como Bin Laden de exercer seu gênio do mal ", ajudariam a aliviar as queixas sobre qual extremismo de todos os tipos alimenta."

Em ocasiões subsequentes, Soros reiteraria sua crença de que o terrorismo era causado por uma escassez de "redistribuição internacional de renda" e "uma desigualdade crescente entre ricos e pobres, tanto dentro dos países quanto entre os países". "Uma sociedade aberta global", enfatizou Soros, "Requer ação afirmativa em escala global". Por outro lado, Soros ficou em silêncio quanto à questão da longa tradição islâmica da jihad, que antecedeu por centenas de anos quaisquer iniciativas de política externa dos EUA potencialmente desagradáveis. Em vez disso, ele pediu uma "reordenação radical" das "prioridades" americanas, nas quais "ao invés de dedicar a maior parte do orçamento a gastos militares para implementar a doutrina Bush, participaríamos de ações preventivas de natureza construtiva". "Os Estados Unidos não podem fazer o que quiserem", repreendeu. "… Nossa nação deve se preocupar com o bem-estar do mundo."

No cálculo de Soros, o 11 de setembro representava "uma oportunidade incomum de repensar e remodelar o mundo". Observando que os ataques recentes haviam "chocado" os americanos "ao perceber que outros podem vê-los de maneira muito diferente da maneira como se vêem", afirmou Soros. Que seus compatriotas estavam "mais prontos para reavaliar o mundo e o papel que os Estados Unidos desempenham nele do que em tempos normais". E reconhecendo que "[sua] consciência pode não durar muito", ele disse: "Estou determinado para não deixar o momento passar. "

Um prisioneiro é levado para interrogatório em Guantánamo (Getty)

A urgência que Soros sentiu em aproveitar o momento foi ainda mais acentuada na noite de 29 de janeiro de 2002, quando George W. Bush proferiu seu discurso no Estado da União. Nesse discurso, o presidente fez sua primeira referência controversa ao Iraque como parte de um "eixo do mal" que representava uma ameaça potencialmente mortal para os Estados Unidos. Bush sugeriu que em breve voltaria sua atenção à política externa ao regime de Saddam Hussein , que continuou a "exibir sua hostilidade em relação à América", "apoiar o terror" e violar seus acordos internacionais. Como o presidente prometeu não "esperar os eventos enquanto os perigos se reúnem", nem "permanecer à medida que o perigo se aproxima cada vez mais", as especulações sobre uma possível invasão do Iraque pelos EUA começaram a se fundir. Na opinião de Soros, essa invasão seria mais um empreendimento equivocado e sem sentido, e ele estava determinado a fazer o possível para impedir isso.

No mês seguinte, Soros nomeou o ex-funcionário do governo Clinton Morton Halperin para o cargo de diretor da Open Society Foundations. Halperin, que alguns funcionários do Departamento de Estado suspeitavam ser um agente comunista, tinha sido fundamental para atrapalhar o esforço de guerra dos EUA durante a era do Vietnã, quando o presidente Johnson o

encarregou de compilar uma história classificada do envolvimento dos EUA no sudeste asiático. O trabalho de Halperin acabou dando frutos em junho de 1971 com a publicação dos notórios "Papéis do Pentágono". Posteriormente, Halperin serviu (de 1975 a 1992), como diretor de uma ACLU, projeto chamado Centro de Estudos de Segurança Nacional, que procurou reduzir as despesas de defesa dos EUA e minar as capacidades de inteligência do país. In *Target America,* exposição de James L. Tyson em 1981 da elaborada "campanha de propaganda da União Soviética projetada para enfraquecer e desmoralizar a América por dentro", afirmou o autor:

> *"Halperin … e suas organizações têm um histórico constante de defender o enfraquecimento das capacidades de inteligência dos EUA. Suas organizações também são notáveis?? por ignorar as atividades da KGB ou de qualquer outra organização de inteligência estrangeira…. Uma análise do balanço dos escritos e testemunhos de Halperin … dá a Halperin uma pontuação de 100% no lado da produção favorável à linha comunista e 0% em qualquer produção oposta à linha comunista."*

Como Halperin, George Soros aconselhou estritamente contra a intervenção militar no Iraque, alertando que uma invasão "seria realmente uma vitória para os terroristas", porque o inevitável assassinato de "civis inocentes" daria a grupos como a Al Qaeda "o tipo de radicalização que eles estão procurando "para justificar" um ciclo vicioso de escalada da violência". "A guerra é uma metáfora falsa e enganosa no contexto do combate ao terrorismo", disse Soros. "Tratar os ataques de 11 de setembro como crimes contra a humanidade teria sido mais apropriado. Os crimes exigem trabalho policial, não ação militar." Além disso, Soros caracterizou a chamada "doutrina Bush" de ação militar preventiva contra aqueles que podem representar uma ameaça aos EUA como uma "proposição atroz".

Quando os EUA invadiram o Iraque, no início de 2003, o desprezo de Soros pela "visão imperialista" do presidente Bush havia atingido um pico. Acusando Bush de "promover deliberadamente [o medo] porque ajuda a manter a nação alinhada atrás do presidente", acrescentou Soros cinicamente: "O terrorismo é o inimigo ideal. É invisível e, portanto, nunca desaparece. Um inimigo que representa uma ameaça genuína e reconhecida pode efetivamente manter uma nação unida." Em agosto, Soros advertiu que o próprio destino do mundo depende dos Estados Unidos, e o presidente Bush está nos levando na direção errada "com seu Doutrina "falsa e perigosa". No outono, Soros se referiu aos funcionários do governo Bush e republicanos em geral como "extremistas" que "não acreditam no sistema de democracia como o conhecemos"; e que abraçou "uma ideologia muito perigosa" que sustentava que "os Estados Unidos … deveriam impor seu poder, impor sua vontade e seus interesses ao mundo".

George Soros rotineiramente condenou Bush por sua “busca descarada de interesse próprio”; por “igualar a liberdade aos valores americanos”; por sustentar a “visão simplista” de que “estamos certos e errados”; e por abrigar uma “falsa sensação de certeza” que os americanos tinham “direito do nosso lado.” Cada uma dessas transgressões, Soros explicou, violou os “princípios da sociedade aberta, que reconhecem que pode estar errado.” “A ideologia da supremacia da administração Bush“, acrescentou, ‘está em contradição com os princípios de uma sociedade aberta porque diz ter posse de uma verdade definitiva.’

Como a Guerra do Iraque tomou um pedágio crescente em termos de vidas americanas e iraquianas, Soros escreveu que a resposta militar dos EUA ao 11 de setembro acabou sendo uma atrocidade moral maior do que o “crime” original que o levou, porque o a guerra “reivindicou mais civis inocentes no Afeganistão e no Iraque do que os ataques ao World Trade Center”. Em resumo, Soros caracterizou a “busca pela supremacia americana” do governo Bush como mais perigosa do que o terror islâmico.

George Soros e Fernando Henrique Cardoso no Fórum Econômico Mundial

George Soros não apenas acreditava que Bush seguia uma política irracional e perigosa, mas também considerava os motivos do presidente totalmente desonrosos. Soros acusou Bush repetidamente de usar informações “expostas como exageradas ou até falsas” para justificar a invasão do Iraque sob “falsas pretensões”. Ele denunciou “a exploração de 11 de setembro pelo

governo Bush para seguir sua política de dominar o mundo sob o disfarce de combater o terrorismo." Ele expandiu esse tema acusando Bush de procurar justificar medidas repressivas na frente doméstica e estabelecer [uma] alternativa segura ao petróleo saudita no Oriente Médio. A outra consideração importante, acrescentou Soros, "era Israel". Ele sugeriu que Bush, ao flexionar os músculos dos EUA no Oriente Médio, estava sinalizando sua disposição para intervir em assuntos que poderiam afetar o aliado mais próximo dos EUA na região. Ao fazer isso, disse Soros, o presidente foi fiel à "tradicional átrio pró-Israel", que incluía "o direito e os evangélicos que é o núcleo do eleitorado do presidente."

Quando Soros viu que a arrogância e a corrupção do presidente haviam penetrado perceptivelmente nas fileiras dos militares que estavam cumprindo a missão de Bush. Assim Soros comparou a conduta das tropas americanas ao de bandidos comunistas e fascistas, afirmando que "a imagem da tortura em Abu Ghraib" foi uma prova de que "o caminho presidente Bush conduziu a guerra contra o terror nos convertendo de vítimas em agressores." Soros denunciou que não só tinha America "violado o direito internacional" por "invadir o Iraque … sem uma segunda resolução da ONU", mas que tinha "violado as Convenções de Genebra" por "maltratar e até mesmo torturar os prisioneiros."

Em inúmeras ocasiões, Soros traçou paralelos entre o governo Bush e alguns dos regimes totalitários mais infames da história. A visão de Bush de que "existe apenas um modelo de democracia", disse Soros, era "tão falsa e potencialmente tão perigosa quanto a crença dos comunistas de que existe apenas uma maneira de organizar a sociedade". Soros comparou ainda mais " Afirmação orwelliana de que "você pode ter liberdade desde que faça o que mandamos fazer", à retórica soviética sobre as "democracias do povo". "Quando ouço o presidente Bush dizer: 'Você está conosco ou contra nós ', lembra-me os alemães ", afirmou Soros. "Minhas experiências sob o domínio nazista e soviético me sensibilizaram." "Quem pensaria sessenta anos atrás", perguntou Soros, "quando Karl Popper escreveu *The Open Society and Its Inemies* , que os próprios Estados Unidos poderiam representar uma ameaça para a sociedade aberta? No entanto, é isso que está acontecendo, tanto interna quanto internacionalmente."

Em uma entrevista em 29 de setembro de 2003 à rádio da BBC, Soros disse que era imperativo que "houvesse uma mudança de regime nos Estados Unidos" – significando que o presidente Bush deveria ser "colocado fora do poder". Em novembro, Soros disse isso porque "A América, sob Bush, é um perigo para o mundo", o resultado da corrida presidencial do próximo ano se tornou "o foco central da minha vida". "E estou disposto a colocar meu dinheiro onde minha ideologia está", Soros acrescentou, declarando que negociaria voluntariamente toda a sua fortuna de vários bilhões de dólares, se isso fosse garantido para derrubar Bush. À sua ladainha de queixas contra o presidente, Soros agora acrescentou o infame desastre da recontagem da Flórida em 2000 e questionou a própria legitimidade da vitória das eleições de Bush. "O

presidente Bush assumiu o cargo sem um mandato claro", disse Soros. "Ele foi eleito presidente por uma única votação no Supremo Tribunal."

Os tipos de mudanças que a América precisava eram claros para Soros. Acima de tudo, ele desejava dirigir o país, política e ideologicamente, em uma direção que fosse consistente com as agendas dos grupos que ele vinha financiando há uma década por meio de suas Fundações da Sociedade Aberta. Essas agendas poderiam ser essencialmente divididas em três temas principais: a diminuição do poder americano, a subjugação da soberania americana em favor da governança global e a implementação de políticas econômicas redistributivas, tanto dentro dos EUA quanto através das fronteiras nacionais. Com esta finalidade, Soros viu "as próximas eleições" como "uma excelente oportunidade para desinflar a bolha da supremacia americana." Ele empregaria sua riqueza e seu fervor ideológico para capitalizar essa oportunidade, sabendo que o melhor momento para implementar mudanças radicais é em tempos de agitação e crise, ou seja, momentos como o pós-11 de setembro. "Geralmente é preciso uma crise para provocar uma mudança significativa de direção", escreveu o próprio Soros em seu livro de 2000 *Open Society: Reforming Global Capitalism*. *

O Partido Democrata foi e ainda é amplamente financiado por George Soros e suas OSF

*AS INTERVENÇÕES POLÍTICAS ANTERIORES DE SOROS EM TODO O MUNDO**

De modo algum era a primeira vez que Soros pretendia planejar a queda de um governo que ele considerava opressivo. Em várias ocasiões anteriores, ele usara sua extraordinária riqueza para financiar movimentos populares que buscavam minar os regimes comunistas e autoritários no Leste Europeu e na Ásia Central. Especificamente, Soros havia financiado o treinamento, a organização e a mobilização de muitos milhões de manifestantes que participaram de uma série de revoluções políticas sem sangue, comumente conhecidas como "revoluções de veludo" ou "revoluções de cores", que acabaram derrubando governos nessas regiões. Normalmente, essas mobilizações consistiam em grandes comícios de rua (às vezes com centenas de milhares de participantes) e atos cuidadosamente coordenados de desobediência civil, como protestos e greves gerais. Em vários casos, esses manifestantes financiados por George Soros contestaram os resultados das eleições populares e acusaram os líderes históricos de fraude eleitoral, acusações que foram então ecoadas pelos pesquisadores de saída financiados por Soros e meios de comunicação financiados por George Soros, ampliando assim o efeito das acusações. Uma breve pesquisa das intervenções estrangeiras mais notáveis de Soros será útil neste momento.

George Soros ajudou a financiar a "Carta 77", um documento de 1976 exigindo que o governo tcheco reconhecesse alguns direitos humanos básicos, principalmente a liberdade de expressar crenças religiosas ou opiniões políticas sem medo de discriminação retributiva, que já eram garantidos pela constituição do país. Esta Carta e o movimento político que dela surgiu finalmente culminaram na revolução de veludo que derrubou o regime comunista da Checoslováquia no final de 1989.

O financiamento de Soros também desempenhou um papel crítico na promoção de outras revoltas no antigo bloco soviético. "Minhas fundações," goza Soros, "contribuiu para uma mudança de regime democrático na Eslováquia em 1998, Croácia em 1999, e da Iugoslávia em 2000, mobilização da sociedade civil para se livrar de Vladimir Meciar, Franjo Tudjman e Slobodan Milosevic, respectivamente."

Meciar, por sua vez, era um nacionalista rígido, cujo governo autoritário, caracterizado por demagogia, corrupção e hostilidade em relação à minoria húngara, trouxe instabilidade e isolamento à Eslováquia em meados da década de 90. O Presidente croata Tudjman também era um autocrata famoso por sua brutalidade , nacionalismo extremo, a indiferença aos direitos civis e manipulação dos processos eleitorais. E Milosevic, que serviu como presidente da Sérvia e Iugoslávia na década de 1990, era um arquiteto famoso de agressão militar, crimes de guerra e limpeza étnica .O jornalista britânico Neil Clark relata que, de 1991 a 2000, George Soros e

suas fundações da Open Society criaram metodicamente as bases para o movimento que levou à queda de Milosevic, "canalizando mais de US $ 100 milhões para os cofres da oposição anti-Milosevic, financiando partidos políticos, editoras e mídia 'independente' ... "Em um discurso de 1996, o presidente croata Franjo Tudjman ofereceu uma profunda compreensão de como Soros tipicamente injetava sua influência no funcionamento político de uma determinada nação, infiltrando-se pacientemente e sistematicamente em organizações estratégicas e agências governamentais:

> *"[Soros e seus aliados] espalharam seus tentáculos por toda a nossa sociedade. Soros ... tinha aprovação para ... reunir e distribuir ajuda humanitária. ... No entanto, nós ... permitimos que eles fizessem quase tudo o que quisessem ... Eles se envolveram em sua rede ... pessoas de todas as idades e classes ... tentando conquistá-las com ajuda financeira. ... [O objetivo é] o controle de todas as esferas da vida ... a criação de um estado dentro do estado. ..."*

Soros também financiou a "Revolução das Rosas" da Geórgia soviética, um movimento popular que obrigou o presidente da Geórgia Eduard Shevardnadze a renunciar em novembro de 2003. Segundo o *Globe and Mail* do Canadá, em fevereiro daquele ano Soros "começou a arrumar os tijolos para derrubar" Shevardnadze. "Nesse mês, fundos de suas fundações da Open Society enviaram um ativista [georgiano] à Sérvia para se encontrar com membros do movimento [resistência] e aprender como eles usavam manifestações de rua para derrubar o ditador Slobodan Milosevic." Naquele verão, Soros trouxe alguns desses ativistas sérvios para a Geórgia para treinar estudantes ativistas lá. Enquanto isso, uma estação de televisão financiada por Soros fazia transmissões semanais do documentário ***Trazer para baixo um ditador***, que apresentou um relato passo a passo da queda de Milosevic e desempenhou um papel crucial no treinamento de insurgentes da Geórgia. Nos meses de outono, George Soros gastou cerca de US $ 42 milhões preparando o movimento de derrubada para se mobilizar. Então, em meados de novembro, manifestações antigovernamentais em larga escala se espalharam como fogo na maioria das grandes cidades da Geórgia. Shevardnadze, capaz de ler a proverbial escrita na parede, renunciou em questão de dias. Mais tarde, Soros disse ao *Los Angeles Times*: "Estou encantado com o que aconteceu na Geórgia e tenho muito orgulho de ter contribuído com isso". Em novembro de 2003, o editor de um diário em inglês baseado na Geórgia disse:, "É geralmente aceito na opinião pública aqui que George Soros é a pessoa que planejou a derrubada de Shevardnadze." Notavelmente, algumas pessoas que trabalharam para as organizações de George Soros, incluindo dois dos ex-diretores executivos da Open Society Georgia Foundation, mais tarde assumiram posições influentes no novo governo da Geórgia.

Depois disso, George Soros financiaria a "Revolução Laranja", uma série de protestos e eventos políticos que ocorreram na Ucrânia entre novembro de 2004 e janeiro de 2005, forçando finalmente o candidato favorito de Moscou, o primeiro ministro Viktor Yanukovych, a perder uma controvérsa e calorosa eleição presidencial contestada. Também no início de 2005, George Soros ajudou a financiar a "Revolução das Tulipas", um movimento de protesto maciço que levou à derrubada do presidente Askar Akayev e de seu governo na república da Ásia Central do Quirguistão.

A Revolução Laranja foi uma série de protestos e eventos políticos, ocorridos entre 2004 e 2005, que tomou diversos lugares de toda a Ucrânia, em resposta às alegações maciças de corrupção, intimidação por votos e fraude eleitoral direta, durante a eleição presidencial ucraniana de 2004

NOVO ALVO PARA "MUDANÇA DE REGIME": AMÉRICA

Mas, em 2003-04, o foco principal de George Soros estava nos Estados Unidos, cujo governo ele considerava pelo menos tão perigoso e opressivo quanto o dos regimes comunistas e autoritários acima mencionados. "Eu acredito profundamente nos valores de uma sociedade aberta", disse Soros. "Nos últimos 15 anos, concentrei minhas energias na luta por esses valores

no exterior. Agora estou fazendo isso nos Estados Unidos. Soros se propôs a "perfurar a bolha da supremacia americana." Para conseguir isso, ele criaria um aparato político de extraordinária influência.

George Soros silenciosamente lançou as bases para esse aparato durante os oito anos anteriores. Entre 1994 e 2002, o bilionário tinha gasto milhões de dólares promover a passagem da bipartidário Reform Campaign Act, melhor conhecida como a **Lei McCain-Feingold,** que foi assinada em Novembro de 2002 pelo presidente Bush. George Soros começou a trabalhar nessa questão logo após as eleições intermediárias de 1994, quando pela primeira vez em quase meio século, os republicanos conquistaram fortes maiorias nas duas casas do Congresso. Os analistas políticos da época atribuíram os enormes ganhos republicanos em grande parte à eficácia da publicidade na televisão, principalmente a série "Harry e Louise" (que custou US $ 14 milhões).para produzir e ir ao ar, onde um casal suburbano fictício expôs muitos detalhes ocultos e desagradáveis das propostas de Hillary Clinton para um sistema nacional de saúde mais socializado. De fato, as eleições de 1994 tornaram-se, em um grau considerável, um referendo sobre essa tentativa de tomada pelo governo de um sexto da economia americana, e sobre o presidente democrata que tacitamente a endossou. George Soros ficou zangado com o fato de tais anúncios serem capazes de anular a influência dos principais meios de comunicação impressos e transmitidos, que, por serem extremamente solidários às agendas democratas, haviam dado ao plano de Hillary uma grande quantidade de publicidade positiva e gratuita por meses. Três semanas após as eleições de 1994, George Soros anunciou que pretendia "fazer algo" sobre a distorção de nosso processo eleitoral pelo uso excessivo de publicidade na TV. Esse "algo" seria uma reforma do financiamento de campanhas.

A partir de 1994, as Fundações da Sociedade Aberta de Soros e algumas outras fundações de esquerda começaram a bancar grupos de frente e os chamados "especialistas", cujo objetivo era convencer o Congresso a engolir a ficção de que milhões de americanos clamavam por "reforma do financiamento de campanhas". A estratégia enganosa foi criada por Sean Treglia, um ex-oficial do programa do Pew Charitable Trusts . Entre 1994 e 2004, cerca de US $ 140 milhões em dinheiro da fundação foram usados para promover a reforma do financiamento de campanhas. Quase 90% dessa quantia derivam de apenas oito fundações, uma das quais foram as Open Society Foundations, que contribuíram com US $ 12,6 milhões para a causa. Entre os principais beneficiários desses fundos da OSF estavam organizações em prol da reforma, como a Alliance For Better Campaigns ($ 650.000); o Brennan Center for Justice (mais de US $ 3,3 milhões); o Center For Public Integrity (US $ 1,7 milhão); o Centro de Política Responsiva (US $ 75.000); Causa comum (US $ 625.000); Democracia 21 (US $ 300.000); Campanha Pública (US $ 1,3 milhão); e Cidadão Público (US $ 275.000).

A “pesquisa” que esses grupos produziram para defender a reforma do financiamento de campanhas foi amplamente falsa e artificial. Por exemplo, o cientista político do Brennan Center Jonathan Krasno havia admitido claramente em sua proposta de concessão de 19 de fevereiro de 1999 ao Pew Charitable Trusts que o objetivo do estudo proposto era político, não acadêmico, e que o projeto seria interrompido se falhasse os resultados desejados:

> *“O objetivo de adquirir o conjunto de dados não é simplesmente aumentar o conhecimento por si só, mas alimentar uma campanha multifacetada contínua para impulsionar a reforma da campanha. O fato de prosseguirmos para a fase dois dependerá do julgamento sobre se os dados proporcionam um impulso suficientemente poderoso para o movimento de reforma. ”*

O objetivo declarado de McCain-Feingold era eliminar a política de corrupção: (a) impondo restrições à publicidade paga durante as semanas imediatamente anteriores às eleições políticas; e (b) regulando rigorosamente a quantidade de dinheiro que os partidos e candidatos políticos poderiam aceitar de doadores. Em relação à primeira dessas duas disposições, a nova legislação impedia organizações privadas, incluindo sindicatos, corporações e grupos de ativistas civis de anunciar a favor ou contra qualquer candidato a um cargo federal na televisão ou no rádio durante os 60 dias anteriores a uma eleição e durante os 30 dias anteriores a uma primária. Durante esses períodos de blecaute, somente os partidos políticos oficiais teriam permissão para se envolver em publicidade de “defesa expressa”, ou seja, anúncios políticos que exortassem expressamente os eleitores a “votar em” ou “votar contra” um candidato especificado. Igualmente importante, as principais redes de mídia foram isentas das restrições de McCain-Feingold; portanto, estavam livres para falar sobre os candidatos da maneira que desejassem durante sua programação regular e transmissões de notícias. Isso seria inevitavelmente um desenvolvimento positivo para os democratas, que tiveram o apoio quase universal dos principais meios de comunicação dos Estados Unidos.

Além de seus limites à publicidade política pré-eleitoral, McCain-Feingold também impôs novas restrições onerosas aos tipos de doações que candidatos, partidos e comitês de ação política (PACs) agora podiam aceitar. Anteriormente, eles tinham permissão para receber dois tipos de contribuições. Uma delas era “dinheiro vivo”, que se referia a fundos destinados ao propósito de defesa expressa. Os regulamentos da Comissão Federal de Eleições (FEC) estipulavam que, em um único ano civil, nenhum doador de dinheiro vivo poderia doar mais de US $ 1.000 a um candidato em particular, não mais que US $ 5.000 a um PAC e não mais de US $ 20.000 a qualquer partido político.

A outra categoria de doações pré-McCain-Feingold era "soft-money", que os doadores podiam doar diretamente a um partido político em quantidades ilimitadas por lei. Mas, para se qualificar para a designação como "soft money", uma doação não poderia ser usada para financiar anúncios de "advocacia expressa" em nome de qualquer candidato em particular. Em vez disso, tinha que ser usado para pagar coisas como anúncios de "educação dos eleitores" ou anúncios "orientados a questões", mensagens políticas que se abstinham de fazer chamadas explícitas para "votar em" ou "votar contra" qualquer candidato específico. Enquanto um anúncio evitasse proferir tais instruções proibidas, não havia limite para quanto dinheiro poderia ser gasto em sua produção e disseminação.

McCain-Feingold elevou o máximo por doador para certas doações em dinheiro: agora, um doador poderia doar US $ 2.000 a um candidato, US $ 5.000 a um PAC e US $ 25.000 a um partido político.

Historicamente, os republicanos desfrutavam de uma vantagem de 2 x 1 sobre os democratas na captação de dinheiro de doadores individuais. Os democratas dependiam muito mais de soft money de grandes instituições, como sindicatos. Assim, parece contra-intuitivo que George Soros, que claramente favoreceu os democratas em detrimento dos republicanos, tentaria pressionar uma legislação cujo efeito líquido, a remoção de soft money, seria desfavorável aos esforços de captação de recursos do Partido Democrata.

Mas o motivo de Soros fica claro quando analisamos os tipos de organizações cujas atividades de captação de recursos não foram afetadas por McCain-Feingold. Esses eram "527 comitês", sem fins lucrativos nomeados após a Seção 527 do código do IRS, que, diferentemente do PACS comum, não eram obrigados a se registrar no FEC. Dirigidos principalmente por grupos de interesse especial, esses 527 deveriam tecnicamente ser independentes e não afiliados a nenhum partido ou candidato. Como tal, eles foram autorizados a angariar dinheiro em quantidades ilimitadas por quaisquer limites legais para todo tipo de atividades políticas que não sejam advocacia expressa. Ou seja, enquanto o dinheiro de um 527 não estivesse sendo usado para pagar anúncios, publicamente pedindo às pessoas que votassem a favor ou contra qualquer candidato em particular, a letra da lei de McCain-Feingold tecnicamente estava sendo seguida. Na prática.

Com McCain-Feingold, George Soros e seus aliados políticos colaboraram para estabelecer uma rede de "527 comitês", prontos para receber o dinheiro que os doadores individuais e os grandes sindicatos normalmente dariam diretamente ao Partido Democrata. Esses 527 poderiam então usar esse dinheiro para financiar anúncios orientados a questões, iniciativas de educação dos eleitores, campanhas de obtenção de votos e outras atividades de "construção de partidos", não apenas para ajudar a eleger candidatos democratas em 2004, mas de maneira

mais ampla guiar o Partido Democrata cada vez mais para a esquerda e rejeitar a sociedade "fechada" que Bush e os republicanos presumivelmente eram a favor. Ao ajudar a levar McCain-Feingold ao Congresso, George Soros efetivamente cortou o suprimento de dinheiro dos democratas e o desviou para os cofres de uma rede alternativa de beneficiários, que ele controlava pessoalmente. Como Byron York observou: "[As] novas regras de financiamento de campanhas aumentaram a influência do dinheiro na política. Ao doar diretamente a grupos 'independentes' e não ao próprio partido, os doadores de alto valor podem influenciar a estratégia e as táticas da campanha mais diretamente do que jamais haviam feito anteriormente. E o poder estava concentrado em poucas mãos ", principalmente as de George Soros. *

A Revolução de Veludo (17 de novembro a 29 de dezembro de 1989) refere-se à revolução não agressiva na antiga Checoslováquia que testemunhou a deposição do governo comunista daquele país. Esta é vista como uma das mais importantes revoluções de 1989.

*O "PARTIDO DA SOMBRA" DE George SOROS TOMA FORMA **

Enquanto os 527 de Soros eram claramente devotados às agendas e valores do Partido Democrata, eles professavam publicamente ser independentes de qualquer afiliação partidária. O partidarismo estava envolto em sombras proverbiais. Gradualmente, vários jornalistas começaram a fazer referência ao surgimento de certas "organizações-sombra" pró-democratas

que pareciam ter o objetivo de contornar a proibição de dinheiro de McCain-Feingold. Com o tempo, o termo "**Partido das Sombras**" entrou em uso.

George Soros pôs em marcha as rodas deste Partido das Sombras quando reuniu uma equipe de estrategistas políticos, ativistas e doadores democratas em sua casa de praia em Long Island, em 17 de julho de 2003, para discutir como o presidente Bush poderia ser derrotado nas eleições de 2004. Os participantes incluíram personalidades como o diretor da OSF, Morton Halperin ; A fundadora da EMILY List e ativista dos direitos ao aborto Ellen Malcolm ; o ex-chefe de gabinete de Clinton, John Podesta ; O diretor executivo do Sierra Club , Carl Pope ; líder trabalhista e ex-consultor de Clinton, Steve Rosenthal ; ex-redatores de discursos de Clinton Jeremy Rosner e Robert Boorstin; e grandes doadores democratas como Lewis e Dorothy Cullman,Robert Glaser , Peter Lewis e Robert McKay .

O consenso foi de que a participação dos eleitores, particularmente em 17 estados de "balanço" ou "campo de batalha" seria a chave para derrubar o presidente Bush. Steve Rosenthal e Ellen Malcolm, CEO e presidente, respectivamente, de um grupo de registro de eleitores recém-formado, mas com poucos recursos, chamado America Coming Together (ACT), sugeriu que os eleitores nesses estados instáveis fossem recrutados e mobilizados o mais rápido possível. Concordando, George Soros disse ao par que ele pessoalmente daria 10 milhões de ACT para ajudar a maximizar sua eficácia. Alguns outros participantes também se comprometeram a dar grandes quantias ao grupo iniciante: o bilionário amigo de Soros, Peter Lewis, presidente da Progressive Corporation, prometeu doar US $ 10 milhões; Robert Glaser , fundador e CEO da RealNetworks, prometeu US $ 2 milhões; Rob McKay , presidente da McKay Family Foundation, comprometeu US $ 1 milhão; e os benfeitores Lewis e Dorothy Cullman prometeram US $ 500.000.

No início de 2004, o núcleo administrativo do Partido das Sombras de George Soros estava em vigor. Consistia em sete grupos sem fins lucrativos ostensivamente "independentes", todos, exceto um, com sede em Washington, DC. Em vários casos, esses grupos compartilhavam as finanças, diretores e diretores corporativos; ocasionalmente eles até dividiam o espaço do escritório. Os sete grupos foram:

Livro Do partido das Sombras ao Governo Clandestino, de David Horowitz

1) *America Coming Together* (ACT): iniciado pelo subsídio de US $ 10 milhões de Soros, o ACT em 2004 executou o que chamou de "o maior programa de contato com eleitores da história", com mais de 1.400 colaboradores pagos em tempo integral entrando em contato com potenciais eleitores pessoalmente e por telefone.

2) *Centro para o progresso americano* (CAP): Esta entidade foi criada para servir como um grupo de reflexão promovendo idéias de esquerda e iniciativas políticas. Entusiasmado com o potencial do Centro, Soros prometeu em julho de 2003 doar até US $ 3 milhões para ajudar a tirar o projeto do papel. Desde o início, a liderança da CAP contou com uma série de ex-funcionários de alto escalão do governo Clinton. Hillary Clinton previu que a organização forneceria "algum novo capital intelectual" para "construir as políticas do século XXI que refletem os valores do Partido Democrata". George Soros e Morton Halperin juntos, o ex-chefe de gabinete de Clinton, John Podesta, serviu como presidente da CAP. Podesta disse que seu objetivo era desenvolver a PAC, apresentando "uma sala de guerra orientada a mensagens" que "enviará um briefing diário para refutar as posições e argumentos da direita".

3) *Votos na América* : Essa coalizão nacional coordenou os esforços de muitas organizações de votação e seus milhares de ativistas contribuintes. O apoio de George Soros aos votos na América continuaria bem depois de 2004. De fato, ele doaria US $ 2,15 milhões a esta coalizão no ciclo eleitoral de 2006, outros US $ 1,25 milhão antes das eleições de 2008 e ainda outros US $ 1,25 milhão em 2010.

4) *Fundo de Mídia* : Descrevendo-se como "a maior organização de compra de mídia que apóia uma mensagem progressiva" nos Estados Unidos, esse grupo produziu e colocou estrategicamente anúncios políticos na mídia impressa, transmitida e eletrônica.

5) *Campanha da Vitória Conjunta 2004* (JVC): Esta entidade de captação de recursos focou-se em coletar contribuições e depois desembolsá-las principalmente para o America Coming Together e o Media Fund. Somente em 2004, a JVC canalizou US $ 19,4 milhões para o primeiro e US $ 38,4 milhões para o último. George Soros pessoalmente deu à JVC mais de US $ 12 milhões naquele ano.

6) *Thunder Road Group* (TRG): Esta consultoria política coordenou a estratégia para o Media Fund, America Coming Together e America Votes. Suas funções incluíam planejamento estratégico, pesquisa de opinião, pesquisa da oposição, operações secretas e relações públicas.

7) *MoveOn.org* : Essa entidade sediada na Califórnia foi o único dos principais grupos do Shadow Party que não era uma nova operação de inicialização. Lançado em setembro de 1998, o MoveOn é uma rede política baseada na Web que organiza ativistas on-line em torno de

questões específicas, arrecada dinheiro para candidatos democratas, gera anúncios políticos e é muito eficaz no recrutamento de jovens para apoiar os democratas. Em novembro de 2003, Soros prometeu doar à MoveOn US $ 5 milhões para ajudar sua causa.

De acordo com Ellen Malcolm, da America Coming Together (ACT), o compromisso financeiro que Soros assumiu com esses grupos do Partido das Sombras em 2003 "era um sinal para os possíveis doadores de que ele havia analisado o que estava acontecendo e que ele estava por trás disso, e era o negócio real. " Como Byron York observou:" Depois que Soros assinou, as contribuições começaram a chegar. "A ACT e o Fundo de Mídia somaram cerca de US $ 200 milhões, incluindo US $ 20 milhões de Soros. Esse tipo de dinheiro não tinha precedentes na política americana.

Harold Ickes , que serviu como vice-chefe de gabinete da Casa Branca durante o governo de Bill Clinton, ajudou a criar todos os grupos principais do Partido das Sombras, exceto o MoveOn. Ele também foi incumbido da tarefa vital de fazer com que essas organizações funcionassem como uma entidade coesa. Em 2004, o estrategista democrata Harold Wolfson sugeriu que fora da campanha oficial do candidato à presidência John Kerry, Ickes "é a pessoa mais importante do Partido Democrata hoje em dia".

Além de seus sete membros principais, o Partido das Sombras também passou a incluir pelo menos outros 30 grupos ativistas de esquerda bem estabelecidos e sindicatos que participaram da coalizão de votos dos Estados Unidos. Entre os mais conhecidos deles estavam a ACORN ; o AFL-CIO ; o AFSCME ; a Federação Americana de Professores ; a Associação de Advogados de Julgamento da América ; o Fundo de Ação dos Defensores da Vida Selvagem ; Lista de EMILY ; a campanha de direitos humanos ; a Liga dos Eleitores da Conservação ; a NAACP ; NARAL Pro-Choice America; a Associação Nacional de Educação; Pessoas para o American Way ; Paternidade Planejada ; a União Internacional dos Empregados em Serviços ; e o Sierra Club .

O então governador do Novo México, o democrata Bill Richardson , observou que "esses grupos" eram "cruciais" para o esforço anti-Bush. "Agora que a reforma do financiamento de campanhas é lei", disse ele, "organizações como essas se tornaram o substituto do Partido Democrata nacional". E nenhum doador foi mais fortemente investido nessas organizações, ou na derrota do presidente Bush, do que George Soros, que contribuiu com US $ 27.080.105 para os 527 pró-democratas durante o ciclo eleitoral de 2004. O segundo doador líder foi o empresário bilionário Peter Lewis (US $ 23.997.220), seguido pelo produtor de Hollywood Stephen Bing (US $ 13.952.682) e pelos fundadores da Golden West Financial Corporation, Herbert e Marion Sandler (US $ 13.007.959).

Na próxima parte você irá conferir o nascimento da Aliança Democrata.

SE AINDA NÃO LEU A PARTE 1, CLIQUE AQUI E CONFIRA

SE AINDA NÃO LEU A PARTE 2, CLIQUE AQUI E CONFIRA

SE AINDA NÃO LEU A PARTE 3, CLIQUE AQUI E CONFIRA

CONFIRA A PARTE 5, QUE SERÁ PUBLICADA AMANHÃ

QUEREMOS SABER SUA OPINIÃO. DEIXE SEU COMENTÁRIO

Curtir isso:

Carregando...

Table of Contents

1. George Soros está empenhado em influenciar a política mundial, principalmente nos EUA, onde mantém residencia, escritório e onde estão a maioria de seus investimentos financeiros
- 1.1. CONTRIBUIÇÕES DA CAMPANHA POLÍTICA DE SOROS *
- 1.2. SOROS ENCONTRA OS CLINTONS
- 1.3. 11 de setembro e a imersão mais profunda de Soros na política americana **
- 1.4. AS INTERVENÇÕES POLÍTICAS ANTERIORES DE SOROS EM TODO O MUNDO *
- 1.5. NOVO ALVO PARA “MUDANÇA DE REGIME”: AMÉRICA
- 1.6. O “PARTIDO DA SOMBRA” DE George SOROS TOMA FORMA *

Esse registro foi postado em Destaque. Adicione aos favoritos.

GILBERTO VIEIRA DE SOUSA

Gilberto Vieira de Sousa é Jornalista (MTB 0079103/SP), Técnico em Sistemas de TV Digital, Fotografo Amador, Radioamador, idealizador e administrador dos sites GibaNet.com e cotajuridica.com.br, jornalista no programa Lira em Pauta

Quem é George Soros? Parte 3 – As Organizações que são financiadas pela OSF

Consequências de Políticas Públicas Irresponsáveis

3 THOUGHTS ON "QUEM É GEORGE SOROS? PARTE 4 – A INFLUÊNCIA DE SOROS NA POLÍTICA MUNDIAL"

Pingback: Antifa - Conclusão - Parte 07 - Gibanet.com

Pingback: Quem é George Soros? Parte 1 - Gibanet.com

Pingback: Quem é George Soros? Parte 3 - As Organizações que são financiadas pela OSF - Gibanet.com

Deixe um comentário

Digite seu comentário aqui...

Esse site utiliza o Akismet para reduzir spam. Aprenda como seus dados de comentários são processados.

Se gostou de nosso conteúdo, Siga, Curta e Compartilhe

Redes Sociais

ASSINAR POR E-MAIL

Digite seu endereço de e-mail para assinar este blog e receber notificações de novas publicações por e-mail.

Endereço de e-mail

ASSINAR

Home

Privacidade

Direitos Autorais

Sobre Nós

ASSINE NOSSO FEED

Endereço de e-mail:

SUBSCRIBE

Delivered by FeedBurner

Copyright 20192020 © Gibanet.com